



O primeiro brasão dos Rothschild

GRANDEZA E DECADENCIA DA CASA ROTHSCHILD

UM ESCRITOR FRANCÊS, EM LIVRO RECENTEMENTE PUBLICADO, REVELA ASPECTOS PITORESCOS DA HISTORIA DA :: GRANDE FAMILIA DE BANQUEIROS ::

Não se conhecerão nunca, por certo, todos os fatores que concorreram para a criação da Casa Rothschild. Mas seus fundadores eram inegavelmente, homens extraordinários que surgiram num momento da historia do mundo particularmente propício às suas tentativas, e, assim, pode-se dizer que foi a aliança dessas duas circunstâncias que edificou uma das mais importantes potencias financeiras do mundo. Nada mais interessante, por isso, do que a historia da familia Rothschild. Através dela, ficamos conhecendo não só a origem modesta dos celebres banqueiros que detiveram o cetro das finanças mundiais nos ultimos tres seculos, como ainda o inicio da organização financeira dos principais países europeus.

Essas palavras vêm a proposito do livro "Grandeza e decadencia da casa Rothschild" recentemente publicado em Paris. Dele vamos extrair o trecho que nos conta, com detalhes pitorescos e documentados, o "enobrecimento" da familia Rothschild.

Em 1816, os Rothschild haviam prestado um grande serviço ao governo austriaco. Conseguindo-lhe um emprestimo, levantado em Londres, os famosos banqueiros, que tinham servido de intermediarios na negociação, juntavam a esse serviço, já importante, um outro: o governo da Austria não fora obrigado a pagar a comissão e os juros usuais. Não é que os Rothschild os houvessem pago em lugar dele. Apenas, com a sua enorme influencia nos circuitos financeiros da capital inglesa, tinham conseguido que o governo inglês abrisse mão das somas correspondentes às comissões bancárias e aos juros.

Compreende-se que essa especie de negocio, com o qual nenhum lucro auferiam os Rothschild, era simples um meio de obter qualquer vantagem junto ao governo da Austria. De fato, os Rothschild tinham, seriamente, necessidade duma posição social. Não havia outra maneira de se tornarem gentis-homens, senão prestando favores a quem lhes podia conceder um titulo de nobreza.

Com exceção de Nath Rothschild, que vivia na Inglaterra, todos os demais Rothschild ambicionavam um titulo de nobreza. Ao passo que aquele, cidadão dum país onde uma solida conta num banco tinha tanto valor quanto um ducado, e onde a raça, a religião, o passado de familia valiam pouco no mundo dos negocios e nenhuma influencia tinham sobre a posição social, os Rothschild da Alemanha e da França eram suditos de países incuravelmente aristocraticos, onde os homens eram julgados conforme a sua linhagem e o seu sangue. A burguezia de Francfort não podia perdoar aos Rothschild a sua origem da rua dos Judeus e o seu passado de modestos vendedores. A sua ascensão espantosa, o seu incrível genio financeiro, a sua fabulosa fortuna de nada lhes serviam no sentido de fazê-los predir socialmente. A Europa continental daquele tempo não fazia caso do "self made man". A lembrança de Napoleão, o especimen mais notavel entre os que haviam surgido do nada e chegado até posições de grande brilho, era muito recente e penosa para as familias reinantes, que apenas haviam voltado do exilio.

A fortuna dos Rothschild, longe de suscitar respeito, não fazia senão reforçar o contraste entre a sua opulencia de então e a sua humilde origem, punha

de manifesto a sua flagrante incultura e dava motivo a sarcasmos facéis, entre a gente de espirito e entre os anti-semitas. Enquanto os concorrentes cristãos dos Rothschild, como os Bethman, conviviam com os homens de Estado e com as grandes figuras da corte, os Rothschild não recebiam convite algum para comparecer às festas da nobreza, e, ainda por cima, viam serem recusados os seus. Isso amargurava-os

os de "Kommerzierrat" (conselheiros comerciais) ou outros de mesmo genero, e sim de obter algum titulo de real importancia, cujo brilho lançasse para a sombra todo o passado humilde da familia. Ora, o país onde os Rothschild gozavam de melhor reputação era a Inglaterra. Se Nathan quizesse, poderia

obter um titulo de cavaleiro de maneira a ser recompensado por serviços prestados ao duque de Wellington e por outros serviços posteriores. Mas Nathan era o unico dos irmãos que não se preocupava com honrarias, e mesmo que recebesse alguma distinção do governo inglês, era pouco provavel que daí resultasse alguma vantagem para os parentes estrangeiros que, mais do que ele, tinham necessidade dum titulo nobiliarquico. A Prussia estava animada de intenções amistosas, mas os melhores presentes que ela podia oferecer-lhes, não eram importantes. Não restava senão a Austria. Estado conservador, apesar da maneira pouco clara com que lidava com os judeus em geral, testemunhava uma certa benevolencia para com os individuos dessa religião desde que tivessem algum merito. O imperador havia conferido nada menos do que uma baronia a um financeiro judeu. E o que uma vez fora feito, podia ser repetido. Em todo o caso, Salomão julgou que valia a pena fazer a tentativa.

DINASTIA CONTRA DINASTIA

Dinastia que se dirigia a outra dinastia, a casa dos Rothschild aproximou-se, primeiramente, da casa de Habsburgo por intermedio do mi-



As novas insígnias que marcaram a nobreza dos celebres banqueiros

se dirigir aos imperadores, se servisse do auxilio de embaixadores.

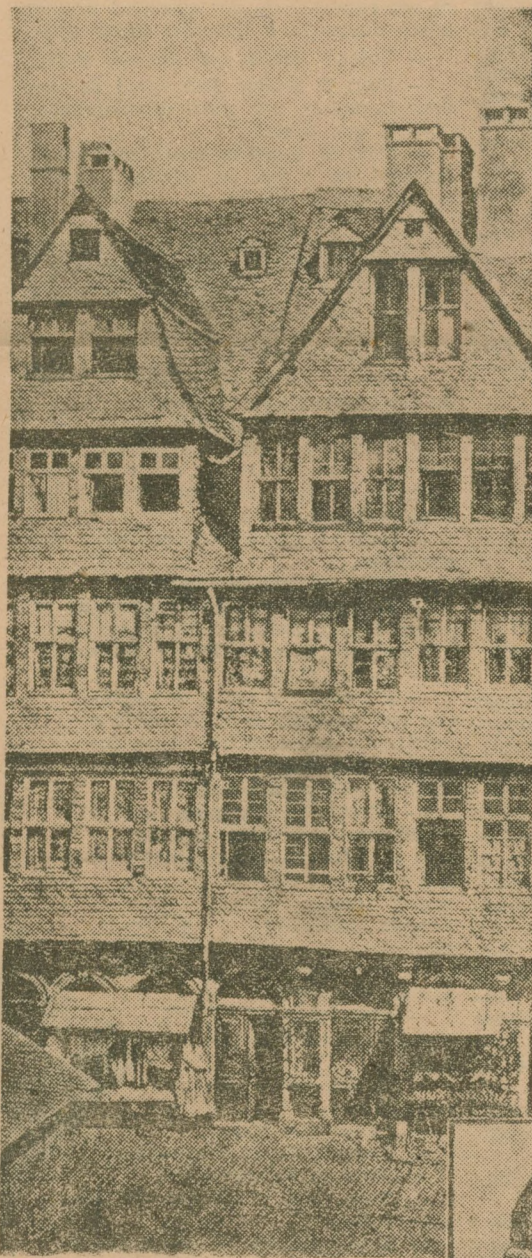
Salomão, depois de fazer alusão às cordiais relações que sempre haviam existido entre as duas casas, passou a lembrar a Schwiner, da legação de Francfort, os serviços leais e desinteressados que ele e seus irmãos tinham prestado a Sua Majestade, relativamente aos negocios com a praça de Londres e o governo britânico. Terminando a sua exposição de motivos, ele disse que se permitia "sugerir" que qualquer testemunho de reconhecimento da parte de Sua Majestade, pelos esforços dos Rothschild a bem das finanças austriacas, seria gratissimo tanto para ele como para os demais membros da familia. Essas palavras eram uma maneira habil de evitar dizer o que pretendia. Por que pedir que o imperador o fizesse cavaleiro, se talvez a vontade de Sua Majestade fosse fazê-lo duque?

Essa sugestão oral foi transmitida, a seu tempo, ao ministro das Finanças, em Viena, o conde Stadion, que, por sua vez, a transmitiu ao imperador Stadion, conquanto nunca tivesse visto nenhum dos Rothschild, aconselhou que os atendessem em sua pretensão. O conde fazia esforços desesperados para salvar o país da falencia e parecia-lhe ser a ocasião de ganhar as boas graças daquela casa de banqueiros que tão boas relações tinham com Londres. As negociações para a terminação da indenização da guerra com a França estavam sendo feitas em Paris, e os Rothschild poderiam ser benevolentes, prontificando-se a ajudar o governo austriaco. Se o imperador os distinguisse com qualquer titulo de certa importancia, essa benevolencia mais depressa se faria sentir.

Não era difícil convencer o imperador. Mas um principe cristão não podia distribuir honrarias, assim com tanta facilidade, a pessoas que somente não eram accitaveis do ponto de vista da religião mas eram ainda negociantes de origem duvidosa, e, demais a mais, estrangeiros. Por isso, Francisco pediu tempo para refletir. Contra

sultou seu chanceler e um ou dois dos seus cortezaos. O primeiro ministro, o principe de Metternich, era de parecer que se devia cultivar boas rela-

(Continúa na 4.ª pag.)



A casa onde nasceu o fundador da "dinastia" dos Rothschild

e entristecia principalmente as mulheres da familia. E como as questões de finanças eram muitas vezes tratadas em torno duma mesa de chá ou no decorrer de conversas na sociedade, a verdade é que, continuando fechadas aos Rothschild as portas da alta sociedade, não lhes apareciam oportunidades de realizar transações com ela, muito embora não lhes faltassem negocios para aumentar ainda mais a sua grande fortuna.

Era preciso remediar esse estado de coisas. Já não se tratava de receber titulos de importancia secundaria, como



O primeiro casal Rothschild, que teve o "baronato"

nistro dessa ultima, em Francfort. Tal coisa não somente estava conforme aos usos diplomaticos, como ainda, á falta de vias diréttas, era a unica coisa a fazer. Depois, porém, a firma Rothschild passou a achar desnecessario que, para

O ASCENSOR ENCANTADO

KEBLE HOWARD

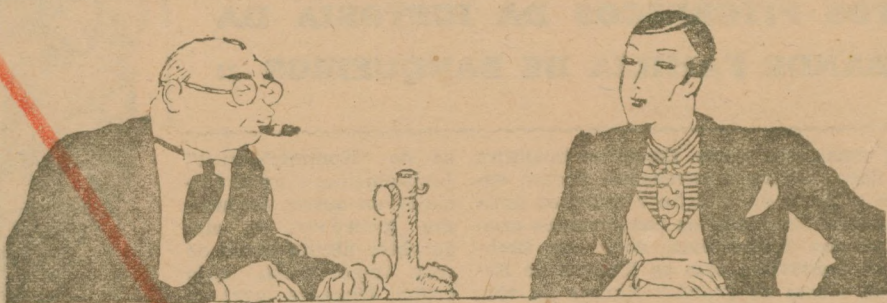
Dois homens estavam sentados, um em face do outro, à mesa de um gabinete de trabalho, em Nova York. Um era belo e jovem; o outro, já maduro e riquíssimo. O nome do homem belo e elegante era Jim Hotchinks. O seu retrato se encontrava pendurado na parede, por cima do espelho, no quarto de todas as mulheres novas e bonitas dos Estados Unidos e do Canadá. Era um ator. O nome de homem rico e idoso era Robert S. Jordan. Não era um ator, mas corria riscos semelhantes: era diretor de uma companhia de seguros.

— Está bem, senhor Hotchinks — dizia ele. — Agora a situação é muito simples. O seu empresário, senhor Trumbell, está convencido de que a metade do seu sucesso resulta exclusivamente do fato do senhor ser solteiro e conhecido como tal. Costumo dizer as coisas sem rebuços, senhor Hotchinks, porque tempo é dinheiro e nós não podemos perder dinheiro nestes tempos. O senhor Hotchinks sorriu. Um milhão de mulheres bonitas dariam a vida para ter aquele sorriso. Mas, Robert Jordan nem deu por ele.

— Estando as coisas neste pé — prosseguiu o corretor de seguros — o senhor Trumbell me pediu para segurá-lo, por doze meses, contra o seu casamento. A soma do seguro é importante: cincoenta mil dolares.

Hotchinks sorriu mais uma vez. Aliás, ele sorria com frequência e facilidade. Sorria quando estava

“Senhor Hotchinks, é casado?”
Jim Hotchinks respondeu — não —, com um sorriso significativo.
— Está apaixonado?
— Não, senhor Jordan. Por enquanto, não.
— Tem a intenção de casar-se?
— Absolutamente. Não ignoro que, se me casar, estará para sempre comprometida a minha popularidade de ator da moda e eu não posso passar sem ela.
— Agradeço-lhe muito. E' o bastante. Quer ter a bondade de assinar as suas declarações? Está bem! Mais uma vez,



obrigado. Felicidades, senhor Hotchinks.

Jim Hotchinks fechou a porta do gabinete e, tocando levemente no botão do ascensor, fê-lo subir até o andar em que se encontrava. Era um ascensor automatico. O ator fechou cuidadosamente as portas, comprimiu o botão: andar terreo. E começou a agradável descida.

Havia pouco movimento no arranha-céu, naquela manhã. Tinha todo o elevador para ele só. Entretanto, quando passava pelo terceiro andar, Jim Hotchinks recebeu um choque subito. Olhando maquinalmente através as portas de ferro, Hotchinks viu uma linda mulher que esperava o ascensor. Jim Hotchinks fê-lo parar. A moça parecia um pouco intimidada, respondendo, com um ligeiro gesto de cabeça, ao cumprimento. Entrou no elevador. Jim fechou as portas do aparelho.

— Sobes ou desces? — perguntou ela.
— Desce, naturalmente.
— Mas, a senhora? Quer subir, não é verdade?

— Mas, não quero desviá-lo do seu caminho...

— Ora... Qual é o andar?
— Andar terreo.
— Porém, não ia subir?
— Sim, mas o senhor vai descer!
— Se me permite, prefereria subir.
— Por que?

— Oh! Simplesmente porque ha mais andares para cima do que para baixo.
— E' por isso que é preciso ir primeiro aonde o senhor deve ir e, em seguida, aonde eu tenho de ficar.

— Irei onde a senhora queira ir.
E Jim Hotchinks apertou um botão, acasou. O elevador começou a subir. A moça, com um ligeiro muchôcho que revelava a filha unica de u'a mãe indulgente, precipitou-se sobre a placa dos botões e tocou o dedo no “Andar Terreo”. O ascensor deu um estremecimento e parou logo. Estavam justamente para chegar ao quarto andar. Seis polegadas da porta do elevador passavam do soalho e o resto ainda se encontrava no vão.

— Veja o que fez — disse tranquiamente o idolo teatral. — Eis o resultado!

— Mas, que aconteceu? Não me diga que o elevador se desarranjou!

— Pois é justamente o que ia dizer. Eu conheço estes elevadores automaticos. São a coisa mais delicada do mundo. Mas, não tenha medo, minha senhora. Temos apenas de esperar a vinda do mecanico.

— Obrigada. Eu não tenho medo.

Ela sentou no banco do ascensor: “— E' bem macio o banco” — disse ela. E então, Jim Hotchinks tomou o outro canto do banco...

Foi logo notado o acidente e o mecanico veio falar aos prisioneiros, através das seis polegadas da porta que passavam do soalho do quarto andar. Jim, com perigo de vida ou, pelo menos, de sujar as suas mãos formosas e bem cuidadas, subiu pela grade da porta, de maneira a poder falar ao mecanico.

— O aparelho não anda? — perguntou este.

Hotchinks teve de dar explicações que pareceram altamente tecnicas á sua companheira. Todavia, era evidente que o mecanico as compreendia muito bem.

— Prometa-nos que concertará o elevador o mais depressa possivel! — disse o ator.

— Está claro! — respondeu o mecanico, que os dois já ouviam descer a escada.

Jim Hotchinks voltou ao canto do banco.

— E' o senhor tão mau como dizem, senhor Hotchinks? — perguntou a jovem.

Jim nem pestanejou. Embora não fosse muito vaidoso, tendo em vista a sua condição de ator, não se admirava de se ver reconhecido por qualquer mulher, entre dezenove e trinta e cinco anos.

— Como? Dizem que eu sou mau?

— Sim. O senhor tem fama de quebrar corações, por puro divertimento.

— E que mais?

— Fala-se, também, que o senhor ainda não deu o seu coração a ninguém, porque não o possui.

— E' só isso?

— Conta-se ainda que o senhor entrou para o teatro porque começava a envelhecer e quer vender-se a quem oferecer maior preço.

— E não ha mais nada?

— Acha pouco?

— Sim... Quer saber toda a verdade: que se diz a meu respeito?

— Creio que já a conheço.

— Não. De maneira alguma. Ninguém a conhece, a não ser eu mesmo. Mas, eu gostaria de contar-lhe, se isso a interessasse.

— Não sei como poderia evitar essa revelação.

— Mas, eu não a imponho.

— Sim, mas precisamos arranjar um assunto para matar o tempo, enquanto estivermos aqui. Não é verdade?

— Muito obrigado.

— E porque eu havia de esconder que gostaria bem de saber a verdade a seu respeito? Mas, devo-lhe dizer também que só acreditarei nela, si me agradar.

— Otimo. Saiba, pois, que é absolutamente exato que eu tenho a intenção de vender-me a quem me der maior preço. E' preciso fazer assim.

— Por que? O senhor é pobre?

— Sim. Não tenho nada e ela tem tudo.

— Então, já a encontrou?

— Penso que sim.

— Pode-se saber o seu nome?

— Nem eu mesmo o sei.

— Mas, tem a certeza de que ela é rica?

O labio superior da moça manifestou certo desprezo.

— Comparada a mim, ela é rica, sim. No momento em que a vi, ela tomou aquilo de que eu podia dispor: meu coração.

A moça refletiu um pouco. E depois:

— Ha muito tempo que o senhor a encontrou?

— Ha dez minutos.

A joven refletiu novamente. Jim Hotchinks dispoz-se a tirar um cigarro da sua cigarreira. Era um gesto, que costumava tomar no palco, para preparar um efeito teatral. Mas, ao tentá-lo no elevador, os seus nervos, os seus músculos, a sua mão, o seu braço direito, se recusaram a agir. Vendo isso, a moça sorriu.

— Quem lhe garante que o senhor foi o unico a dar?

— Advinho — sugeriu Hotchinks.

— Quem lhe disse que ela não lhe deu, também, o que deseja?

E os seus olhos se encontraram.

O mecanico chegou dez segundos depois. E teve o cuidado de tossir...

— Parece que é o nosso salvador — disse Jim. — Queira desculpar-me. Devo recomençar a cena do chimpanzé.

Subiu novamente pelas grades da porta e murmurou ao mecanico:

— Isso não concerta?

— Não consigo fazê-lo andar. Penso que terão de passar a noite ai.

— Está bem. Telefone ao meu empresário e vá procurar...

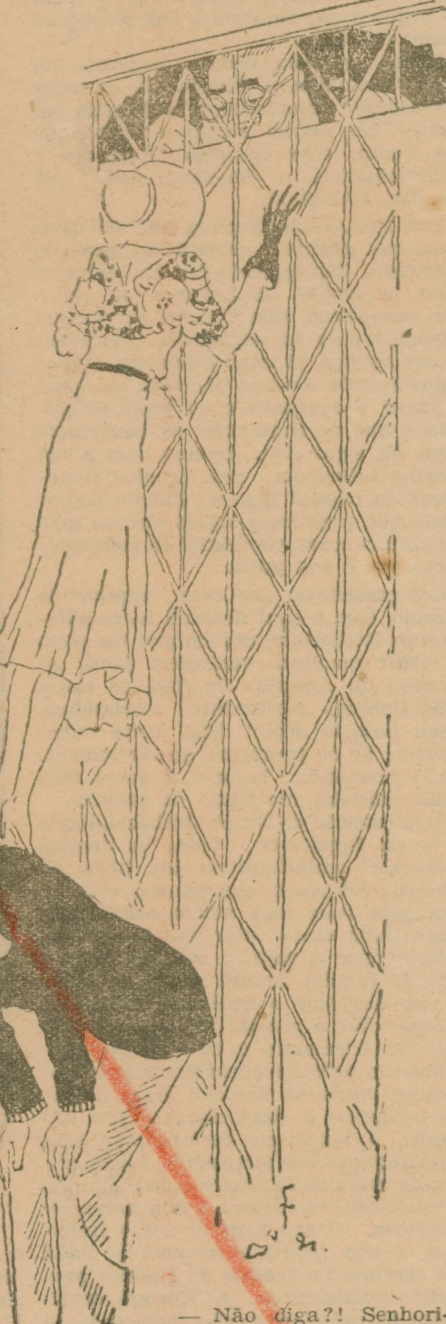
— Espere! — disse a moça, do seu canto. — Antes de mais nada, mecanico, suba ao sexto andar e peça ao senhor Robert Jordan que venha até aqui.

— Não, não! — gritou o idolo das mulheres bonitas. — Minha querida, lamento muito de ter de me opor ao seu primeiro desejo, que manifesta desde que ficamos noivos. Mas, não gostaria que esse velhote sordido se intromettesse no nosso idílio. Seria chocante. Estralaria a cena.

— Conhece-o? — perguntou a moça.

— Encontrei-o pela primeira vez esta manhã. Para tratar de negocios. Qualquer coisa me diz que a sua presença, nestas circunstancias, seria de mau agouro, querida.

— Póde ser... E' meu pai.



— Não diga?! Senhorita Jordan, já que ficamos noivos agora mesmo, poderia dizer-me o seu primeiro nome?

— Póde chamar-me Delia. Mas, é preciso antes de tudo que tenha uma pequena conversa com papai, pelas grades da porta. Tenho apenas dezenove anos e não poderia me casar sem o seu consentimento, como sabe.

(Continúa na 10.ª pagina)

O MUNDO E AS SUAS FIGURAS INTERESSANTES

GANDHI - A GRANDE ALMA DA ASIA

Humildade e esplendor na vida do herói da Índia contemporânea

A grandeza de Gandhi pôde ser definida pelo próprio título que conquistou — o de Mahatma. Esta palavra hindu quer dizer — grande alma. E Gandhi é mesmo a grande alma da Índia. A grande alma da Ásia. Toda a dor do Oriente oprimido, todo o extase contemplativo do espírito asiático, todos os anseios de liberdade, que o imperialismo brutal do Ocidente inspira aos povos humilhados do gigantesco continente, falam pela sua voz. E a voz de Gandhi é digna de ser ouvida pelo mundo inteiro.

Nenhuma figura do universo hodierno conseguiu impor-se mais ao respeito do que a desse asceta que tem o tino de um estadista genial, desse estrategista político que é um santo. No momento, o nome de Gandhi está no cartaz, devido a sua resolução de abandonar a Conferência da Mesa Redonda e voltar para a Índia, certo de que na Inglaterra nada poderá obter para aliviar o jugo do estrangeiro opressor.

Seria, pois, interessante passar em revista a vida e a obra desse grande homem do século. Para tanto, valemos do estudo que, sobre o Mahatma, publicou o escritor asiático Syud Hossein na revista americana "Current History". Desse artigo extraímos os trechos que se seguem:

A FORMAÇÃO

Gandhi ou, se quisermos dar o seu nome inteiro, Mohandas Karanchand Gandhi nasceu em Porbander, na Província de Gujerat, da Índia Ocidental.

Espiritualmente, a sua família pertence à seita dos Jain, talvez o ramo mais puritano do Hinduísmo. Socialmente, faz parte da casta dos Vaisya, constituída de comerciantes e homens de negócios. Todos os Gandhi passavam por elementos respeitáveis da mais conceituada classe média. Muitos deles chegaram mesmo a conquistar situações de relevo nos círculos administrativos e profissionais. Entre todos se destaca o próprio pai do atual líder da Índia. O progenitor de Gandhi soube conquistar, em mais de um dos pequenos Estados da Índia Ocidental, a posição de "dewan", que equivale à de primeiro-ministro.

Bem cedo, Gandhi começou a frequentar a escola da sua aldeia natal. Segundo o costume ortodoxo dos hindus, aos oito anos já era noivo e aos treze veio a casar-se com a jovem Kasturbai, sua devotada companheira por quasi cinquenta anos.

Aos dezoito anos, Gandhi fez os seus exames vestibulares na Universidade Indiana e foi para a Inglaterra, a fim de estudar Direito. Em Londres, cursou a Faculdade Grey e, terminado o período universitário, obteve o seu título de bacharel. Voltou, então, à Índia, para iniciar a sua carreira de advogado. Nesse tempo, foi convidado para defender, na África do Sul, os interesses comerciais de alguns indianos opulentos que tinham grandes negócios naquela possessão britânica.

O RUMO POLITICO

Essa visita ocasional marcou o novo rumo da vida de Gandhi. Nesse tempo, os indianos que trabalhavam na África do Sul sofriam as mais iníquas humilhações do governo e da sociedade. Além disso, padeciam todos os incômodos e os ultrajes suscitados pelos preconceitos de raça.

No começo, Gandhi cuidou apenas dos seus serviços profissionais, mas, gradualmente e inevitavelmente, tornou-se o paladino da causa indiana.

Gandhi permaneceu na África do Sul quasi vinte anos. Nesse período, pôz em prova a sua doutrina da desobediência civil não-violenta e a sua técnica da resistência passiva em defesa dos direitos das gentes. Suportou, então, todas as durezas e amarguras da vida. Por varias vezes, viu-se alvo da perseguição das autoridades e da cólera

popular. Mas, pouco a pouco, como bem demonstra a evidencia de agora, foi conquistando o respeito dos próprios adversários. A luta longa e dolorosa terminou, finalmente, pela vitória de Gandhi e da sua causa. Esse triunfo encontrou a sua expressão oficial no acôrdo Gandhi-Smuts.

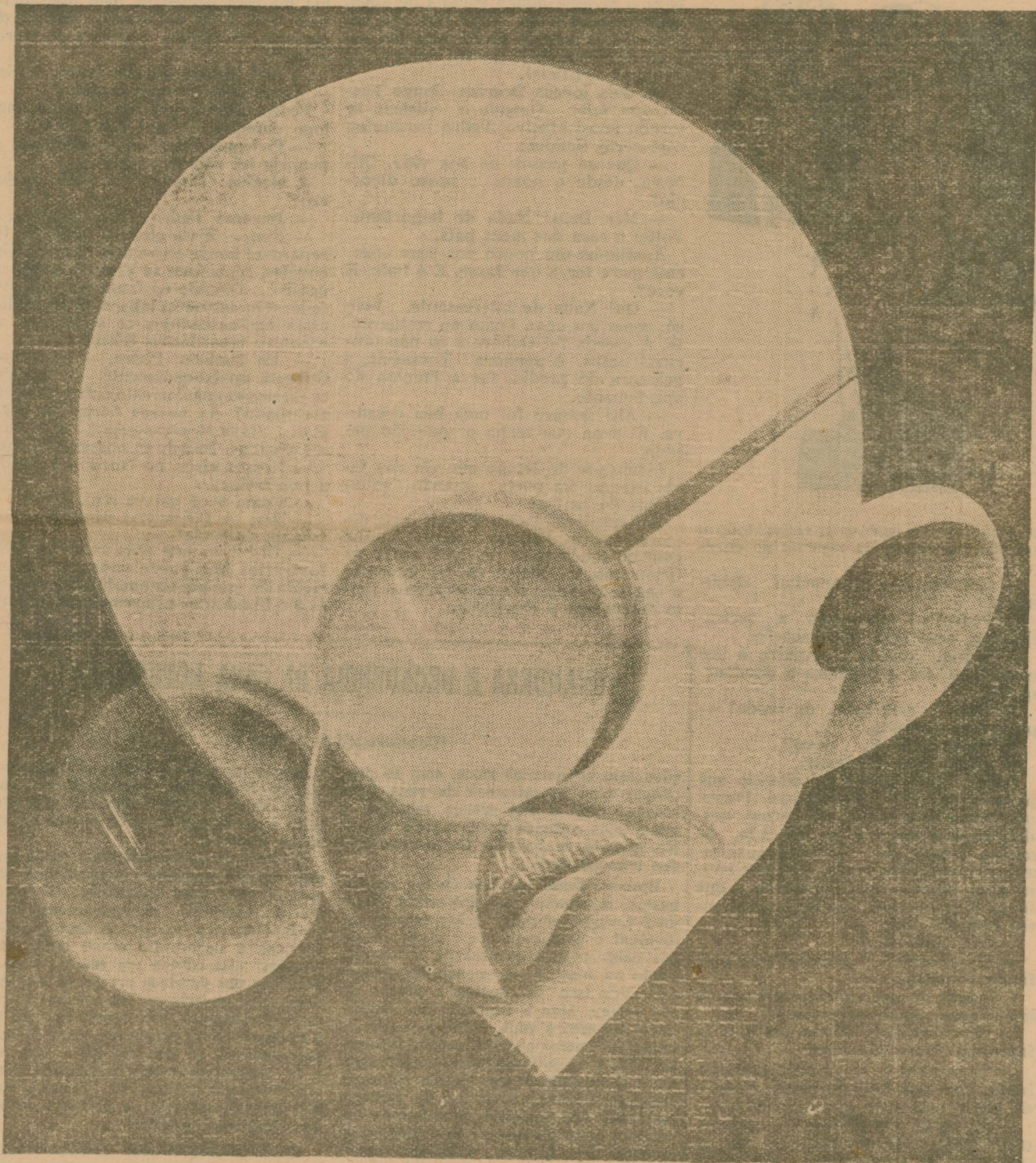
Foi isso em 1914. Terminada essa grande obra política, Gandhi sente o desejo de voltar à sua pátria. Resolve, entretanto, visitar antes a Inglaterra. Quando o navio chegou ao primeiro porto britânico, surgiu a noticia da declaração de guerra à Alemanha.

o meio de "realizar-se a si mesmo" espiritualmente e de identificar-se com os pobres, os oprimidos e os humilhados da sua terra. Si hoje as multidões da Índia o acompanham com uma intensa e palpitante devoção é porque elas vêm nele um chefe que não só participa das suas aspirações como também da sua vida e dos seus sofrimentos. A famosa tanga de algodão que usa, ha tantos anos como unica roupa, Gandhi decidiu vesti-la quando viu que milhões de indianos não podiam ter trajes melhores e mais completos. "A minha tanga de algodão —

dena-lo e afirmou: "Mesmo os que divergem da vossa politica vos consideram um homem inspirado em altos ideais, de alma nobre e de vida santa".

O ASCETA

O traço característico da vida de Gandhi é a simplicidade. Reduziu ao mínimo das necessidades e das posses a sua existencia no plano material. No sentido literal da frase, pode-se dizer que come apenas para viver. Não chega a pesar quarenta e cinco quilos. A



Gandhi ofereceu os seus préstimos ao governo de Jorge V. A sua ação nessa época constitui um capítulo interessante da sua vida, que tem dado margem a animadas controvérsias. Seria impossível, entretanto, revivê-lo nestas breves notas.

SOLIDARIO COM O SEU POVO

Quando o Mahatma regressou, finalmente, à Índia, resolveu fazer vida de asceta. Se no início da carreira, era um homem rico, no goso de um farto rendimento, tanto deu aos pobres, praticou tantas obras de filantropia, que, em breve, se encontrou, como ele mesmo desejava, reduzido à maior penúria.

Gandhi fizera o voto de pobreza. Era

confessou ele recentemente — é uma evolução organica na minha existencia". Assinala mais um passo na identificação progressiva da sua vida com a vida do seu povo.

Muitos têm posto em duvida, em diferentes ocasiões, os princípios políticos de Gandhi e a eficiencia dos seus metodos, mas, nenhum amigo nem inimigo teve até hoje a coragem de acusa-lo de insinceridade ou de egoismo. Quando, em 1922, foi levado ao tribunal, pelo crime de sedição, o próprio juiz inglês, assim como toda a assistência, o recebeu de pé, prestando homenagem ao seu devotamento. Gandhi não se defendeu da acusação, declarando apenas que era seu dever moral agir como tinha feito. O juiz expriu o seu pesar por ter de con-

sua alimentação consiste invariavelmente de leite e frutas, em doses reduzidas. O seu guarda-roupa resume-se a alguns trapos de algodão. Dorme somente quatro ou cinco horas por dia, sobre uma esteira estendida no chão.

O dia de trabalho do líder indiano tem uma media de vinte horas, seguindo um metodo rigoroso. Ha períodos marcados para receber os visitantes, atender á correspondencia, escrever artigos para o seu jornal — "A Joven India" —, realizar conferencias com os outros chefes nacionalistas, etc. E desse modo que ele dirige e supervisiona a marcha do formidável movimento nacional de que é a alma.

(Continúa na 10.ª pagina)

Reconciliação fracassada

Bernard Gervaise

Mal se instalou no ônibus, Pedro Vernillet poz-se a estudar, na seção técnica do seu jornal, plano espantosamente complicado de um novo circuito de rádio. Isolado do resto do mundo pela fragil folha de papel que estava lendo, Pedro sentia-se alheio a tudo que passava em derredor. As paradas e as partidas do veículo, o ir e vir dos passageiros, o ruído das ruas, tudo isso chegava aos seus ouvidos como um murmúrio confuso e distante.

Para arrancá-lo desse estado de abstração foi necessário um empurrão impaciente que o obrigou a dar passagem a uma pessoa recencheda e que desejava ocupar a outra parte do banco. Chamado, assim, subitamente à realidade, Pedro baixou o jornal pa-



ra poder ver o intruso e, então, todo o seu sangue afluía de repente ao coração.

— Gilberto! — pronunciou debilmente.

— Pedro! — murmurou a recém-chegada, com igual perturbação.

A mesma palidez invadira o seu rosto. Mas, foi a primeira a dominar-se.

— Está... está bem de saúde? — perguntou Gilberto.

— Muito bem. E... você?

— Muito bem, Obrigada.

Depois disso, houve um silêncio que pareceu aos dois interminável. Pedro, que havia dobrado o seu jornal, desdobrava-o e tornava a dobrá-lo, ao mesmo tempo que buscava ansiosamente, no cérebro vazio, qualquer coisa para falar — não importava o que fosse. E que alegria sentiu quando ouviu Gilberto dizer:

— Que lindo dia!

— Explendido! — afirmou com profunda convicção.

E depois de um violento esforço de imaginação, pôde acrescentar:

— Ninguém diria ontem que hoje ia fazer um tempo tão bom.

— E' verdad... — concordou Gilberto, com um tom de quem acabava de ouvir uma grande originalidade.

— E' certo, entretanto — prosseguiu Pedro, vitoriosamente — que as mudanças de temperatura são muito frequentes nesta época do ano...

Pouco a pouco, as respostas foram sendo mais seguras. A conversa, sempre condicionada aos limites estreitos da meteorologia, não tardou a estender-se a outros assuntos: moda, viagens, artes, acontecimentos sociais. Gilberto teve comentários graciosos e oportunos, Pedro também fez algumas observações interessantes. Cada qual sentia gratidão pelo interlocutor, que lhe permitia dar expansão ao seu talento de conversador.

Enquanto isso, o ônibus seguia o seu caminho. Por fim, o condutor anunciou: Luxemburgo! Fim da linha!

— Ora! Chegamos! — notou Gilberto.

Fôra do veículo, reproduziu-se a situação embaraçosa. Os dois permane-

ciam parados, na rua, um em frente do outro, sem saber o que falar.

— Tem pressa? — perguntou, afinal, Pedro.

— Não — disse Gilberto — Pretendia sentar-me um pouco no jardim, antes de entrar em casa.

— Permite que eu a acompanhe? — perguntou ele.

Mas, voltamos a si, acrescentou:

— Desde que não seja indiscreto... Não quero causar-lhe o menor prejuízo...

Ela compreendeu a alusão, sorriu levemente e disse:

— Não tenha receio. Continuo inteiramente livre.

— Eu também — garantiu Pedro.

No jardim, que a primavera embelezara, sentaram-se sob a fronde de um castanheiro. Dois repuxos atiravam para o ar uma miuda cortina de água, sobre a qual a luz solar formava um arco-íris. A paz da tarde dava um aspecto de sinceridade a esse recanto de natureza artificial.

Os dois jovens ficaram longo tempo sem falar. Quando o silêncio se tornou quase aflitivo, Pedro perguntou com certa timidez:

— Que se passou na sua vida, Gilberto, desde o nosso... nosso divórcio?

— Meu Deus! Nada de importante. Voltei à casa dos meus pais.

Auxílio-os um pouco nos seus negócios, para ter o que fazer. E é tudo. E você?

— Oh! Nada de interessante. Vivo só, como um urso. Como no restaurante. A creada foi embora e eu não procurei outra. A senhora Toussaint, a zeladora do prédio, faz a limpeza do apartamento.

— Ah! sempre foi uma boa creatura. E' pena que tenha o sono tão pesado.

Lembra-te do tempo que ela nos fazia esperar na porta, quando voltávamos do teatro?

Ela suspirou. Pedro fitou-a mais demoradamente. Estava sempre bonita, com qualquer coisa de mais grave na fisionomia, na qual devia ter impresso o seu selo uma secreta amargura. Esta descoberta o enterneceu.

GRANDEZA E DECADENCIA DA CASA ROTHSCHILD

(Continuação da 1. pag.)

ções com os homens ricos, sem se preocupar com as questões de raça, sem indagar qual a sua crença religiosa e quais seus antepassados. Nunca se sabia quando se poderia ter necessidade dos homens ricos...

Embora fosse um dos chefes reacionários, o príncipe de Metternich tinha uma ternura singular pelos judeus, individual e coletivamente, e tudo fazia por conferir-lhes direitos de cidadania, senão na Austria, ao menos em Frankfurt. Por isso, ele apoiou a moção do seu colega. Mas a sugestão dos Rothschild encontrou uma opinião ironica e tenaz em outros círculos menos influentes. Um dos gentis-homens da corte submeteu a sugestão a um exame rigoroso, cujas conclusões não foram de molde a aguardar aos famosos banqueiros. Em resumo, dizia ele que se Sua Majestade escolhia uma família judia de Frankfurt para lhe conferir uma alta distinção, certamente se diria no estrangeiro que a Austria estava tomando o partido dos judeus, o que poderia prejudicar imensamente a corte de Viena perante as nações européas.

Depois de inúmeros debates, na corte e nas rodas fidalgas, entre o imperador, seus ministros e seus cortejos, parecia ficar resolvido que se desse aos Rothschild, como sinal de reconhecimento pelos serviços que haviam prestado ao governo austriaco, um estojo de ouro com as iniciais de Sua Majestade, feito de diamante.

Stadion contrariou, porém, essa decisão, alegando que um penhor de reconhecimento, sob tal forma, mal interessaria os Cresos. Por outro lado, um presente realmente valioso, iria abalar as

— Que má idéa tivemos em nos separar — murmurou.

— E' o que sempre penso. E agora faço censuras a mim mesmo...

— Censuras, Gilberto?

— Sim. Cabe-me a culpa do que aconteceu.

— E a mim também — disse ele cor-têsmente.

— Não, a culpa é toda minha. Tornei a vida impossível para você... Era irascível, exclusivista, ciumenta. Sobre tudo ciumenta! Fazia cenas constantemente... Sim, sim... Vejo agora tudo com muita clareza: era insuportável...

Tanta fraqueza, tanta coragem, despertou no rapaz uma generosa competição.

— E Eu?! — exclamou — Eu também tenho as minhas culpas! Não sabia ter nem paciência, nem tolerância, nem tato. Com um pouco menos de egoísmo da minha parte, tudo seria evitado.

— Ah! Si pudessemos voltar atrás!

— disse Gilberto, num suspiro.

Pedro hesitou por um instante, mas logo depois disse em voz baixa:

— Podemos voltar atrás, Gilberto. A própria lei não se opõe a...

A alegria iluminou o rosto da jovem:

— Deveras, Pedro? Você quer?...

— Sim — disse ele. — Nada de irreparável houve entre nós. Simples discussões, cenas que se vêm em todos os casais... Quando os fantasmas do passado vêm turvar minha solidão, todos esses mal-entendidos se apagam e só encontro recordações felizes.

— Eu também, Pedro. — exclamou Gilberto apaixonadamente. — Lembra-se do nosso apartamentozinho, tão bem arranjado? As nossas horas de carinho... Os nossos passeios... E as nossas viagens, Pedro, as nossas viagens?

— Nossos giros, no "ford" comprado a prestações...

— Como você guiava mal, Pedro!

— Ah! já fiz muitos progressos no volante, Gilberto!

— Oh! Não era uma censura. Pelo contrario! Não existe nada mais aborrecido do que um automobilista que diz:

— às 9 e 12 minutos estaremos em tal par-

te; às 15 e 54, naquele outro ponto, etc. Para essa regularidade, é melhor tomar logo o trem...

— Comigo não ha esse inconveniente. Sempre tenho o imprevisto pela minha frente.

— Assim é que eu compreendo as viagens. Recordar-se daquela noite em que os faróis do carro não quiseram acender?

— E a "pane" que tivemos naquela estrada deserta? Tivemos de dormir no automóvel.

— Sim, sim. De manhã, eu estava quasi morta de frio e cansaço. Mas, vimos o sol despontar e era qualquer coisa de belo... E quando quasi morremos num desastre? O auto, capotou, as rodas entortaram, partiram-se todos os



vidros e, milagrosamente, nada sofremos...

— Si me lembro... Foi então que fizemos relações com os Courtoison. Eles nos levaram no seu carro. Mostraram-se muito gentis. Não sabiam que fazer para que esquecéssemos nossa pequena catástrofe... Lembra-se, Gilberto?

Mas, Gilberto tornou-se repentinamente muda. Surpreendido, ele a contemplou: estava desfigurada, quasi feia, as sobrelhas franzidas, o nariz torcido, o rosto injetado de bilis.

— Sim, lembro-me — disse com voz sibilante. — Creio que foi nesse dia que você começou a fazer a corte a Germa Courtoison... Oh! Sim. Diante das minhas vistas... E' inútil tentar defender-se, não me vencerá... Não sou cega... Bem que vi você querendo fazer-se de interessante diante dessa imbecil...

— Oh! Gilberto — exclamou Pedro, desolado.

— Certamente! prosseguiu ele, impagável. — Causa-lhe vergonha que eu recorde essas coisas. E, no entanto, elas são verdadeiras... Aliás, foi a história de sempre: você procurou sempre namorar todas as minhas amigas... Todas — Antonieta, Elisa, Maria, Margarida, Iolanda, Tereza, todas. Com umas foi feliz, com outras não. E isso punha-me indignada.

E é essa existencia atroz, essa humilhação perpetua, que você quer me impôr novamente... Pois bem, querido. Agradeço-lhe muito, mas prefiro ficar como estou...

— Entretanto, Gilberto...

— Sim, já sei... Vai mentir mais uma vez. Vai jurar a sua fidelidade, o seu seu amor, como das outras vezes... Mas, agora as suas mentiras não pegam, porque já o conheço de sóbra... Veja... Ha um momento, no ônibus, pensa que eu não vi você trocando olhares significativos com aquela gata loura que estava sentada no banco ao lado?

Pedro levantou-se.

— Basta! — exclamou. — Já estou cansado dos seus ciúmes.

E separaram-se furiosos, sem mesmo trocar um cumprimento de despedida...

(Continúa na 11.ª página)